

## **BRUXAS E CONTOS DE FADAS: MITO E REPRESENTAÇÕES**

Eliana Alda de Freitas Calado - UFPB

“As bruxas *sempre* existiram”, diz Guy Bechtel. Uma pessoa dotada de poderes *extra-ordinários, sobre-naturais*, e a quem, por força desses atributos, eram confiadas determinadas funções (medicinal, proteção espiritual, rituais mágicos), não exercidas pela gente comum, pode ser encontrada no seio das mais diversas comunidades, nos mais variados cantos do mundo, desde os tempos mais remotos.

Sendo a bruxaria fenômeno tão antigo e tão constante, por que o pânico, por que o terror, por que tanta perseguição às bruxas do Renascimento?

Podemos dizer que, até o período renascentista, a bruxa era tomada como uma pessoa costumeiramente temida, em relação à qual se alimentavam certa distância e certa reverência, suscitadas pelos raros dons de que era dotada. Mas foi apenas a partir do final da Idade Média, que se passou a atribuir-lhe “*uma representação unilinearmente negativa*” (Siqueira & Bandeira, 2001, p. 2).

Neste período, aconteceu o que podemos chamar de mitificação, um processo que “*ocorre quando um certo objeto ou evento é esvaziado de seus aspectos morais, culturais, sociais e estéticos, sendo, assim, apresentado como algo ‘neutro’ ou ‘natural’.*” (Canton, 1994, p. 25)

O mito, então, é uma categoria que, apesar de carregada de ideologia, é normalmente vista como inerente, esperável. É assim o mito da bruxa.

Por que a bruxa, nesta época, tornou-se tão ameaçadora? Uma das razões dessa crença foi a associação da bruxaria ao diabolismo. Até o século XV, a imagem do Diabo não suscitava o imenso horror e ojeriza que viria a provocar, a partir de então.

Na Idade Média, mesmo já havendo uma divulgação eclesiástica, através da palavra escrita e falada, de um diabo monstruoso e apavorante, este coexistia com o diabo bonachão, quase “ridículo” da cultura popular e das manifestações folclóricas locais (cf. Bechtel, 1997, p. 152).

O Diabo, apesar de reconhecido como maléfico, continuava muito distante, muito longe do cotidiano das pessoas... O contato com Lúcifer era, até então, tido como reservado a pessoas condenadas, facilmente reconhecíveis, alheias à comunidade cristã. É, sobretudo, a partir do século XVI, que se espalha a crença de “*que os intermediários não são judeus longínquos, bastante fáceis de identificar e de reduzir, mas são mulheres de nosso mundo, de nossos campos, de nossa Igreja.*” (Bechtel, 1997, p. 155).

E como foi acontecendo esse processo de responsabilização das feiticeiras pelos males espirituais e sociais europeus? A resposta não é simples, nem aponta para um único caminho, mas podemos encontrar alguns elementos de resposta:

- a) De acordo com Barstow, uma explicação plausível poderia estar na imensa crise vivida pela sociedade européia, em especial na segunda metade do século XVI, quando havia grande escassez de alimentos face a um imenso contingente populacional. Paralelamente, havia também a pressão por parte dos governos absolutistas, interessados na consolidação da centralização estatal e o processo de Reforma na Igreja. Todos esses conflitos geraram a necessidade de encontrar um bode expiatório para receber a culpa de tantos problemas (fome, revoltas, doenças, violência).
- b) Segundo Robert Muchembled, a perseguição à bruxaria foi um fenômeno que veio de cima para baixo, ou seja, foi uma criação das elites clericais e leigas do século XVI. (cf. 1991, p. 104; 107, 187), ao qual se associaram, por motivos diferentes, camponeses e aldeãos. Movidos pela urgência de cumprir os objetivos da Contra-Reforma católica, os eclesiásticos “*impunham aos camponeses dos séculos XVI e XVII a imagem do demônio omnipresente para tocar seus espíritos e orientá-los em direção ao Deus salvador.*” (Muchembled, 1991, p. 283).
- c) Há, ainda, quem entenda que o período de expansão do domínio feudal – ao qual sucedeu, como é sabido, um processo de declínio - foi responsável pelo aumento da exploração e da submissão de significativos segmentos das camadas populares, razão pela qual “*os oprimidos, num contexto de crescente desordem e de opressão que reinava na Europa, sob a pressão de terríveis ultrajes e da miséria, chegaram ao limite de seu desespero e tiveram condições de dar-se conta da fragilidade da igreja e, simultaneamente, da possibilidade de construção da resistência e da mudança.*” (Siqueira & Bandeira, 2001, p. 09).

Incapaz de oferecer alento espiritual para o seu rebanho, a Igreja vê-se gravemente questionada, principalmente com a devastação provocada pela peste negra, no século XIV. Humilhados e desesperados, muitos camponeses recorrem, então, ao socorro de outros deuses ou do diabo, como se queira ver ou nomear. Paradoxalmente, essa também foi a saída encontrada pelo clero: difundir a crença no diabólico e lhe conferir a responsabilidade dos males advindos. Sendo assim, “*o satanás é re-significado na Idade Média em um movimento de mão-dupla: foi a solução construída e utilizada tanto pelos camponeses, quanto pela Igreja. (...) constituiu-se no nexo da unidade entre a Igreja e o vulgo. A primeira o impunha para resgatar a sua hegemonia e o temor, o segundo usou o diabo para construir a resistência frente à Igreja e às elites feudais, buscando libertação. A força diabólica foi edificada simultaneamente para reprimir e resistir.*” (Bandeira e Siqueira, p. 10)

Encurralada, a Igreja tenta desviar o foco do problema para um bode expiatório, que viria a ser a bruxa. Identificando-a com o Diabo, causador de todos os males, a bruxa é, então, satanizada.

Antes mesmo de ser possível encontrá-la na realidade, surgiram as características de uma bruxa: como ela é? Como reconhecê-la? O que faz?

Segundo Bechtel, essa bruxa de “segundo tipo”, ou seja, esta bruxa diabólica, foi **inventada**: a existência foi precedida pela essência\*. Esta criação aconteceu provavelmente em fins do século XV e surgiu da junção de diversos aspectos físicos e psicológicos, que, de fato, faziam parte do cotidiano europeu, mas que não estavam necessariamente ligados. Foi justamente a condensação de todas essas características numa só figura que permitiu a fabricação da bruxa satanizada. E, “*que isso tenha sido voluntário ou não – a intenção é sempre difícil de discernir na História - a difusão desta imagem completamente virtual de um bruxo inteiramente consagrado ao Diabo se fez por uma operação mediática, que utilizou todos os vetores de informação da época (...): os livros para aqueles que liam, os sermões para os outros, para todas grandes quantidades de representações. Em suma, conceberam, fabricaram e propagaram uma imagem, de resto muito assustadora, de fato um espantinho ideológico.*” (Bechtel, 1997, pp. 157-8).

Dentre os elementos unificados para definir a bruxa, podemos destacar: a constante disposição para o mal; a esconjuração, no sentido de amaldiçoamento, de necromancia; o pacto diabólico e a capacidade de voar. Tudo isso se acha fundamentalmente associado à mulher.\*\*

Ainda que as acusações de bruxaria se tenham sido dirigidas aos mais diversos tipos de pessoas: crianças, jovens, idosos, homens, é interessante notar que havia características comuns na maior parte dos acusados: “*velhas, sem atrativos, antipatizadas e do sexo feminino*” (Barstow, 1995, p. 34). É esse mesmo “retrato falado” que encontramos freqüentemente descrito nos contos de fadas.

Até agora, foram discutidos o processo de diabolização da feiticeira e a fabricação do mito da bruxa. O passo seguinte foi entender como esse mito foi incorporado e repassado através dos contos de fadas.

De acordo com Guy Bechtel, encontrar uma Bruxa só foi possível “*tardamente e por fenômeno de moda, no século XIX, em algumas provocadoras ou desconcertadas que imitaram o modelo teórico*”. (1997, p. 157). Foi também neste mesmo século, que a adaptação dos contos de fadas ao público infantil se consolidou. Nos detemos, principalmente, na análise literária e social deste período como base para a pesquisa.

Inicialmente, uma literatura voltada para ouvidos de adultos, foi a partir do século XVII, principalmente, com o francês Charles Perrault, que encontramos as características modernas do

---

\* Cf. Bechtel no capítulo 4: “L’hérésie des sorcières”

\*\* Idem

conto de fadas. Foi sua coleção, **Contes de ma mère l'Oye** (1697), que, além de introduzir o conto como gênero literário infantil, baseou o enredo das histórias em cima de “*dramas familiares, e não sobre chistes e charadas, sobre fábulas animais ou contos proverbiais e admonitórios*” como geralmente acontecia. (Warner, 1999, p. 14). A sistematização dos contos realizada pelos Irmãos Grimm, em 1812, na atual Alemanha, foi resultado de uma pesquisa acadêmica, movida pelo interesse de um movimento nacionalista que envolvia as mais diversas manifestações culturais (cf. Hobsbawm).

Ressaltamos que, quando essas histórias foram publicadas, não estavam sendo criadas. Por certo, estavam sendo reescritas, de acordo com a vivência de cada escritor, o que não reporta a uma invenção pós-renascentista.

As histórias chegaram até nós, portanto, nas suas versões “oficiais” (particularmente, as de Perrault e dos Grimm), carregadas de valores próprios à época e ao contexto social de quem as escreveu, e, não obstante, sendo consideradas como produções universais e atemporais. Os valores e conceitos trazidos nos contos aparecem como naturais e inerentes à humanidade, sendo “*mitificados ideologicamente, desistoricizados e despolitizados para representar e manter os interesses das classes dominantes*”. (Canton, 1994, p. 26). Os contos funcionaram, então, como veículos propagadores de interesses os mais diversos, como por exemplo: as idéias da virtuosidade da riqueza, da passividade, do conformismo...

Num texto-montagem organizado por Jacqueline Held, composto com extratos de diversos autores, reflete-se sobre a semelhança entre a função dos brinquedos e das histórias fantásticas no desenvolvimento infantil: “*a ficção responde a uma necessidade muito profunda da criança: não se contentar com sua própria vida. A ficção não deveria abrir todas as possibilidades de ser para que possa, finalmente, escolher-se?*” (Held, 1980, p. 17). Não obstante, apesar de todo seu potencial para estimular a criatividade, a coragem, a crítica, a transformação, gerado pela sua capacidade de maravilhar e de provocar “*o desejo ativo de desejar saber, de indagar*”, despertando o “*prazer no fantástico e curiosidade pelo real*” (Warner, 1999, p. 18), os contos de fadas, pela sua maneira de se reportar às bruxas, serviram como excelente material para elaboração de regras de pensamento e condutas do imaginário contemporâneo que reforçam a subserviência das mulheres. Isto se deve, talvez, ao fato dos contos serem parte mais presente no universo feminino do que no masculino, tanto pela sua narração e transmissão, como pelas personagens, que, frequentemente estão como protagonistas, e também pelas ouvintes.

Nos dedicaremos agora à análise da representação da bruxa em três contos de fadas publicados pelos Irmãos Grimm, na segunda década do século XIX, que apresentam algumas características comuns, tais como: o conflito entre madrastas e enteados, a presença da bruxa, de

comportamento parecido nas três histórias, a apatia do pai das protagonistas e a ambientação do conto numa floresta. São eles: **Rapunzel**, **Branca de Neve** e **João e Maria**.

Algumas descrições feitas apontam para a insistente negatividade unilinear da personagem. Observemos alguns trechos dos contos apresentados pelos Grimm que se referem às bruxas:

Em **João e Maria**, quando os meninos se aproximaram da casa de doces no meio da floresta, “*de súbito, a porta da casa se abriu e apareceu uma mulher velhíssima, que se aproximou das crianças, arrastando-se, apoiando-se em muletas. João e Maria ficaram tão apavorados, que deixaram cair o que estavam comendo. A velha, porém, não os ameaçou. Ao contrário, parecia muito satisfeita e perguntou:*

- *Oh, queridas crianças! Quem vos trouxe até aqui? Entrai e ficai comigo. Não vos acontecerá mal algum.*

(...) *A velha, porém, apenas fingira ser boa. Na verdade era uma perversa feiticeira, que fizera aquela casa de pão doce, bolos e açúcar-cande com a intenção de atrair crianças. (...) As bruxas têm os olhos vermelhos e enxergam muito mal, mas, por outro lado, têm um faro igual ao de certos animais e, mesmo sem vê-lo, percebem quando um ser humano se aproxima.”* (Grimm, p. 284).

Em **Rapunzel**, a bruxa é temida por todos pelos seus poderes extraordinários, no entanto, ela só começa a castigar Rapunzel a partir do início da adolescência: “*Quando tinha doze anos, a bruxa trancou-a em uma torre no meio da floresta e que não tinha escadas nem portas, mas tinha uma janelinha bem no alto.*” (op. cit., p. 323).

Apesar de não molestar criancinhas, a bruxa de **Rapunzel** se parecia com a de **João e Maria**, ao menos no aspecto físico. Quando o príncipe enamorado de Rapunzel cai na armadilha da feiticeira, ao invés de encontrar, no alto da torre, a linda jovem, depara-se com “*a horrorosa bruxa, (...) com os olhos de fogo e babando de raiva, ...*”. (op. cit., p. 326).

Enquanto a bruxa de **João e Maria** tentava espalhar o pecado da **gula** que ela própria possuía (adorava comer criancinhas), a bruxa de **Rapunzel**, já no início da história, demonstra sua **avareza**, não compartilhando os produtos da sua magnífica horta com ninguém. Em seguida, reprime a luxúria da jovem, afastando-a do seu amante, demonstrando uma extrema **ira**. Já, em **Branca de Neve**, a bruxa possuía, pelo menos, três pecados capitais: a **ira**, a **soberba** e a **inveja**. Ao perguntar ao seu espelho mágico, quem era a mulher mais bela do mundo, e deste obter a seguinte resposta:

“*Aqui neste quarto sois vós, com certeza,*

*Mas Branca de Neve possui mais beleza.*

*a rainha ficou lívida de raiva e de inveja. E desde aquele momento, odiou Branca de Neve.”* (op. cit., p. 358). Pecados capitais realmente não faltam às bruxas...

As três bruxas apresentadas nos contos possuem algumas características comuns: a maldade, a ligação com a floresta, a aparência de camponesa e a idade avançada. Mesmo se a Rainha Má de **Branca de Neve** é jovem e bonita, ela assume a forma de uma senhora idosa e humildemente vestida, para realizar seus malefícios:

*“E quando a maçã ficou pronta, a malvada madrasta pintou o rosto e se vestiu como se fosse uma camponesa, e conhecendo, graças à sua arte diabólica onde a enteada se encontrava, atravessou a floresta, até chegar à casa dos sete anões.”* (op. cit., p. 364)

A ligação da bruxaria ao Diabo é uma constante: em **Branca de Neve**, vendo a enteada cair ao chão após ingerir a maçã envenenada, *“a rainha olhou-a com o ódio ainda refletido nos olhos e dobrou uma gargalhada satânica.”* (op. cit., p. 364). O conto de fadas termina contando a morte da Rainha Má: *“Deu o último suspiro, junto com o qual saiu também a sua alma, em direção ao inferno.”* (op. cit., p. 369). E mesmo se, apenas na história de **Branca de Neve**, é feita explicitamente a ligação da bruxa ao satanismo, é possível verificar esta associação nos outros contos, de maneira mais sutil. Quando a bruxa de **João e Maria** é apresentada com características típicas de animais - como o desenvolvimento do fardo, que o conto apresenta - trata-se de uma representação muito comum da bruxa durante o Renascimento (cf., por exemplo, Barstow, op. cit., p. 83). A negatividade da bruxa, nos seus aspectos físico e psicológico, sem deixar brechas para sentimentos mais “humanos”, é a característica que parece mais se destacar nas representações feitas acerca desta figura nos contos de fadas.

Concluindo: vimos neste trabalho que, principalmente a partir do final da Idade Média, bruxa passou a ser uma designação que adquiriu um significado unicamente maléfico. Pelas várias interpretações que se possa ter, verifica-se que a bruxa, doravante, seria vista como alguém de íntima ligação com o Diabo, figura esta que também passou por um processo de ressignificação.

Os contos de fadas ajudaram na perpetuação da transmissão estereotipada da bruxas: representam-nas como velhas, feias, astuciosas e maldosas.

Atualmente, existem alguns movimentos que procuram resgatar a imagem benévola da bruxa, como a religião Wicca, por exemplo. A bruxaria, neste caso, estaria ligada a atividades em harmonia com a natureza, e tem como uma de suas premissas, sempre praticar o bem. Apesar de, cada vez mais, haver esta revisão de valores e ser bastante freqüente ver estampadas nas vitrines

simpáticas bruxinhas decorativas - cada uma com promessa de atrair sentimentos bons: amor, harmonia, paz, alegria - ainda é um tanto improvável que se grite para uma mulher: “sua bruxa!” e que ela tome essa exclamação como um elogio. A bruxa, todavia, continua sendo representada, e isto não somente nos contos de fadas, de maneira predominantemente má. Quase sempre sem perceber, introjetamos facilmente modelos de pensamento e comportamento, passando depois a reproduzi-los mecanicamente. Assim, estamos, não raro, “*obedecendo todos ao mesmo comando e, contudo, convencido cada qual de estar seguindo seus próprios desejos*”. (Fromm, p. 26).

Essas assimilações acríicas feitas ao longo de nossa vida são tantas e tão freqüentes, ocupam de tal modo os mais diversos aspectos da nossa vivência, que se torna muito difícil perceber a todas. Margareth Rago nos lembra o quanto é difícil “*percebermos que vivemos enjaulados nas identidades e classificações categoriais, nos enquadrinhamentos sociais, sexuais, espaciais, físicos e imaginários*”. (Guazelli et al., p. 41). Como nosso primeiro contato com as bruxas, freqüentemente, acontece na infância, muitas vezes, através dos contos de fadas, acostumamo-nos a receber uma definição e um estereótipo previamente prontos, sem, muitas vezes, na idade adulta, chegarmos a questionar como teriam sido formulados e justificados. Se é possível concordar que “*todo conhecimento conduz, quer se queira ou não, a atos*” (Jetté, apud Schmidt, 2000: 203)., ainda que sejam de alienação e de descompromisso ético-social, podemos então nos propor a trabalhar na perspectiva da superação dos nossos limites, desfazendo pretensas verdades e despertando para outras formas de percepção, inclusive da bruxa.

## REFERÊNCIAS

- BARSTOW, Anne Llewellyn. **Chacina de feticheiras**; uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- BECHTEL, Guy. **La sorcière et l'occident**; la destruction de la sorcellerie en Europe, des origines aux grands bûchers. Paris: Plon, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **Na terra das fadas**; análise dos personagens femininos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FRANZ, Marie-Louise von. **O feminino nos contos de fadas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FROMM, Erich. **A Arte de Amar**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995.
- GUAZELLI, César Augusto Barcellos et al. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- GRIMM, Jacob & Wilhelm. **Contos de fadas**; obra completa. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**; as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

MUCHEMBLED, Robert. **La sorcière au village**; XVe – XVIIIe siècle. Paris: Gallimard-Julliard, coll. Folio-histoire, 1991.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “História; construindo a relação conteúdo método no ensino de História no Ensino Médio”, in: KUENZER, Acácia Z. (org.). **Ensino médio**; construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

SIQUEIRA, Deis e BANDEIRA, Lourdes. **Da Re (Significação) das bruxas**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por [rosaclio@uol.com.br](mailto:rosaclio@uol.com.br) em julho 2001.

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**; sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 536p.